

# A LÍNGUA PORTUGUESA DA GALIZA

Xoán M. Paredes

O galego e o português são duas variantes evoluídas do antigo galego-português medieval. Para alguns são ainda a mesma língua com as diferenças lógicas dentro de qualquer língua. Para outros são línguas diferentes mas tão semelhantes que resulta difícil distinguir onde é que acaba uma e começa a outra. Em qualquer caso, a comunicação natural entre falantes nativos de galego e português vem demonstrar que tão português é a fala originária da Galiza como a do Brasil ou Timor Leste; ou melhor dito, tão galega é a fala de Portugal como a da Galiza, pois o nome primeiro da língua comum foi *galego*. Ora bem, foi Portugal que transformou esta fala em ‘língua de estado’, em idioma nacional, e que a consagrou no mundo inteiro; é por isso a língua é conhecida internacionalmente pelo nome do país que lhe deu a fama, *português*. Podemos achar paralelismos na distinção castelhano/espanhol (dois nomes para a mesma coisa) ou, com algumas diferenças, entre os casos flamengo/holandês ou romeno/moldavo.

Enfim, isto não pretende ser mais que um guia **muito** introdutório e limitado ao ‘galego’ ou ‘português da Galiza’ para portugueses (e outros lusófonos), com o fim de fazer ainda mais compreensível a fala galega a aqueles não afeitos a ela.

Dentro de Portugal ficou a metade da nossa terra, do nosso espírito, da nossa língua, da nossa cultura, da nossa vida, do nosso ser nacional (*A. D. B. Castelao, político, escritor e artista galego, 1886-1950*)

Para cima da risca prateada do Minho vive e sofre um grupo de [três] milhões de homens (e mulheres) que falam a nossa língua e sentem a nossa alma (*M. Rodrigues Lapa, linguista e escritor português, 1897-1989*)



## A FALA E O ACENTO

A fala galega tem um ritmo musical com uma cadência característica fácil de reconhecer. Um falante nativo (sobretudo um mais idoso) poderia chegar a ser confundido com um português do norte nalguns aspectos. Por exemplo, o galego, como o português nortenho, não distingue entre os sons *b* e *v*. Em galego o som *j*+vogal ou *g*+*e*, *g*+*i* é sempre pronunciado “x”, por exemplo *jeito* é pronunciado (*x*)eito, *já* é (*x*)á, *queijo* é quei(*x*)o, *vejo* é (*b*)e(*x*)o, etc.

Ora bem, a influência da pronúncia espanhola faz que, para muitos portugueses, um galego pareça um “espanhol a falar português”. Porém, isto é uma impressão errada que deriva do pouco conhecimento sobre os distintos falares espanhóis (isto é, em

espanhol). Por exemplo, os utentes nativos de galego empregam sete vogais, pelo que são rapidamente identificados como “galegos” por qualquer um espanhol (o espanhol emprega cinco vogais). O ritmo e tom são também distintos, e a velocidade na fala de um galego é sempre mais elevada pois o galego está a falar a sua língua, não está a “traduzir” desde outra língua ou a tentar falar uma língua estrangeira.

É certo que determinados sons existentes nalgumas falas galegas são tradicionalmente associados ao espanhol (como a pronúncia de um “c” forte), mas isto varia muito dependendo da zona dentro da Galiza, nível de educação do falante, entorno familiar ou nível de influência do espanhol no indivíduo.

Um ouvido minimamente treinado e costumado às falas galegas rapidamente é capaz de diferenciar entre um sotaque galego e qualquer outro, reconhecendo a sua individualidade e particularidades, e mesmo as variantes dentro da Galiza.

## ESCRITA

A maior parte da escrita galega segue o padrão da Real Academia Galega e o Instituto Galego da Língua (RAG-ILG) estabelecido só em 1983 ([www.galego.org](http://www.galego.org)). Este baseia-se na escrita espanhola para representar o galego falado, sob o argumento de que isto é mais ‘natural’ para a população galega que é escolarizada maciçamente em espanhol - sem importar o carácter lusófono da sua fala. Assim, este sistema de codificação da língua resulta aos olhos dum português um bocado esquisito, pois aparece como um português simplificado ou espanholizado (a pronúncia continua a ser a mesma!). Por exemplo:

- “nh” passa a “ñ”, por ex. vergonha > vergoña; vinho > viño
- “lh” passa a “ll”, por ex. coelho > coello; fedelho > fedello
- “ss” passa a “s”, por ex. assistência > asistencia
- “g+e”, “g+i”, “j+vogal” é sempre simplificado no uso do “x”, por ex. geografia > xeografía; jeito > xeito; digital > dixital
- Diferenças no uso de “b” e “v”, por ex. carvalho > carballo; livre > libre
- Diferenças no uso de “c” e “z”, por ex. fazer > facer; vizinho > viciño
- Queda do “m” a fim de palavra precedido de “e”, como em homem > home; imagem > imaxe; garagem > garaxe; ou troca por “n”, por ex. desdém > desdén; jejum > xexun
- Uso de “-on” ou “-an” na vez de “-ão” ou “-õe” no fim de palavra, por ex. região > rexión, João > Xoán; camiões > camións
- Desaparece o traço, por ex. desperta-se > despértase; satura-se > satúrase
- Simplifica-se o sistema de acentuação, sendo empregue só o “ ´ ” que, aliás, segue umas regras baseadas no espanhol escrito, estranhas à pronúncia galega.

Existe todavia outra corrente histórica que defende uma aproximação à escrita tradicional, convergente com o padrão português internacional, e reintegração plena do galego no seio da Lusofonia. Graficamente não se distingue do português normal ou tem pequenas alterações, se bem conserva toda a expressividade e idiossincrasia galega. Por exemplo: Dependendo do utente as terminações “-ção” e “-ções” passam a “-çom” ou “-çons”, algumas em “-ão” a “-ám” (por ex. João > Joám, agitação > agitaçom). Esta é a norma defendida pela Associação Galega da Língua (AGAL, [www.agal-gz.org](http://www.agal-gz.org)), Movimento Defesa da Língua (MDL, [www.mdl-galiza.org](http://www.mdl-galiza.org)) e outros colectivos sociais e políticos.

Para facilitar a leitura, todos os exemplos galegos neste documento são transcritos usando a ortografia internacional.

## ESPAÑHOLISMOS

A principal diferença entre a fala galega e a portuguesa é a influência do castelhano sobre o galego. Isto é especialmente evidente na fala popular, ‘de rua’, na gíria urbana, onde o castelhano chegou mesmo a deslocar a fala autóctone em determinadas camadas sociais. O castelhano infiltrou também determinados campos semânticos, sobretudo aqueles relacionados com novas tecnologias, economia, poder político e eclesiástico, etc. Note-se que nestes casos a palavra espanhola é considerada errada, embora seja usada; isto é, pode ser usada ‘na rua’ dependendo do momento e do lugar, mas não entra a formar parte (necessariamente) dos dicionários galegos. Convém conhece-las (mas não usá-las) para não ficar perdido numa conversa espontânea entre galegos. Uma lista incompleta dessas palavras erradas seria:

Aburrir (aborrecer), esp. aburrir	Gracias/Gracinhas (obrigado), esp. gracias
Abuelo (avó), esp. abuelo	Grifo (torneira), esp. grifo
Aceira (passeio), esp. acera	Guante (luva), esp. guante
Aceituna (oliva), esp. aceituna	Habituação (quarto), esp. habitación
Aire (ar), esp. aire	Incluso (mesmo), esp. incluso
Ala (asa), esp. ala	Jamão (presunto), esp. jamón
Arcém (berma), esp. arcén	Jarrão (vaso), esp. jarrón
Ata/Astra/Asta (até), esp. hasta	Leituga (alface), esp. lechuga
Autopista (autoestrada), esp. autopista	Ligar (engatar), esp. ligar
Balcão (varanda), esp. balcón	Lonjano (afastado), esp. lejano
Barra (balcão), esp. barra	Mala/Malo (má/mau), esp. mala/malo
Basura (lixo), esp. basura	Maleta (mala), esp. maleta
Bolígrafo (caneta), esp. bolígrafo	Marrão (castanho), esp. marrón
Bombilha (lâmpada), esp. bombilla	Meixela (bochecha), esp. mejilla
Buzão (caixa de correios), esp. buzón	Moitedume (multidão), esp. multitud
Calçetim (meia), esp. calcetín	Muelhe (cais), esp. muelle
Calhe (rua), esp. calle	Naide (ninguém), esp. nadie
Carreteira (estrada), esp. carretera	Pantalha (ecrã), esp. pantalla
Champinhão (cogumelo), esp. champiñón	Pantalões (calças), esp. pantalones
Chico (rapaz), esp. chico	Pasilho (corredor), esp. pasillo
Coche (carro), esp. coche	Pegatina (autocolante), esp. pegatina
Coitelo/Cuchilo (faca), esp. cuchillo	Pêli/Película/Película (filme), esp. película
Color (cor), esp. color	Pero (mas), esp. pero (muito usado)
Corcho (rolha), esp. corcho	Poboação (população), esp. población
Cura (Padre), esp. cura	Polo (frango), esp. pollo
Currar (trabalhar (coloquial) ), esp. currar	Pueblo (povo; vila), esp. pueblo
Desaiuno (pequeno almoço), esp. desayuno	Pulpo/Polpo (polvo), esp. pulpo
Deuda (dívida), esp. deuda	Rodilha (joelho), esp. rodilla
Dios (Deus), esp. Dios	Salsa (molho), esp. salsa
Doble/Dobre (duplo), esp. doble	Salú (saúde), esp. salud
Duda (dúvida), esp. duda	Silha (cadeira), esp. silla
Dulce (doce), esp. dulce	Sombreiro (chapéu), esp. sombrero
Embudo (funil), esp. embudo	Tarxeta (cartão), esp. tarjeta
Escalera (escada), esp. escalera	Tenedor (garfo), esp. tenedor
Espalda (costas), esp. espalda	Tenreira/Terneira (vitela), esp. vitela
Falda (saia), esp. falda	Tio (tipo, gajo), esp. tío
Flaco/Fraco (magro), esp. flaco	Tornilho (parafuso), esp. tornillo
Gafas (óculos), esp. gafas	Usté/Ustede/Vostede (você), esp. usted
Galícia (Galiza), esp. Galicia	Vaso (copo), esp. vaso
Galhego (galego), esp. gallego	Ventá (janela), esp. ventana

Nomes dos dias da semana (muito usados): luns (segunda), martes (terça), mércores (quarta), xoves (quinta), venres (sexta), do espanhol *lunes, martes, miércoles, jueves e viernes*; ou do mês, estilo “eneiro”, “febreiro”/“ferveiro”, “júnio”, “júlio”, “o’tubre”, “novembre”.

Ficam à margem alterações na forma de formar as frases, ordenar os seus elementos, conjugar os verbos, câmbios de género (por ex. “o ponte” na vez de “a ponte”), etc. que muitas vezes seguem as estruturas espanholas e não as tradicionais galego-portuguesas. Mais outra vez, esta contaminação do idioma é mais palpável nas grandes cidades ou áreas mais urbanizadas.

## GALEGUISMOS

Há uma série de elementos no galego que lhe são próprios, sejam palavras, construções gramaticais, formas verbais, etc. Isto é, são diferentes das usadas no português padrão mas são patrimoniais. Pode ser, aliás, que sejam algumas delas palavras ou formas já usadas em Portugal mas perdidas no tempo ou bem usadas só localmente (nomeadamente no Norte). Esta é uma circunstância normal, sendo esta variedade a esperada dentro de uma língua mundial como a nossa que, longe de a danar, outorga-lhe riqueza e colorido. Na Galiza o uso destas palavras também varia dependendo da zona e da ocasião. Uma lista incompleta é:

Abondo (bastante, suficiente)	Bico (beijo)
Abofê (com certeza, em verdade)	Bilha (torneira)
Abrente (amanhecer, alva)	Bisbarra (comarca)
Acadar (atingir, alcançar)	Bocoi (tonel, cuba)
Acougar (sossegar)	Botar (deitar (muito usado) )
Adestrar (treinar)	Bourear (fazer ruído, barulho)
Agarimar (cuidar, tratar com carinho)	Breixo (brejo)
Agás (excepto)	Brêtema (bruma, névoa ligeira)
Aginha (rápido, com presteza)	Cabuja (cabra)
Agochar (esconder, ocultar)	Cadaleito (caixão, ataúde)
Ajôujere (guizo)	Cajato (bengala, bastão)
Almoço (pequeno almoço)	Canle (canal)
A modo (de vagar)	Canso (cansado)
Amorodo/Morote (morango)	(a) carão (à beira, junto a)
Amosar (mostrar, ensinar)	Carqueixa (carqueja)
Anaco (troço, pedaço pequeno)	Cartos (dinheiro (coloquial) )
Anano (anão, diminuto)	Cascuda (barata)
Antano (antanho)	Castelão (castelhano)
Aperta (abraço)	Castrapo (galego mal falado, com espanholismos (castelhano+trapo/língua de farrapos) )
Arco da velha (arco-íris)	Cativo (criança; pequeno)
Arrolar (arrulhar)	Cavaleiro (cavalheiro)
Atopar (encontrar, achar)	Cear (jantar)
Aturar (padecer, suportar (algo ou alguém) )	Ceive (liberto, livre, solto)
Avoa ( a) avô)	Cereixa (cereja)
Bágoa (lágrima)	Chaira (planície, planura)
(de) balde (de borla, grátis)	Che (dativo: dou-cho=dou-to)
Baleiro (vazio)	(dar) cheda (ajudar, auxiliar)
Beizo (lábio)	Choiar (trabalhar (coloquial) )
Berce (berço)	

(ao) chou (ao acaso, aleatoriamente)  
 Crego (clérigo)  
 Creto (crédito)  
 Cunca (conca, copo grande)  
 Curmão (primo)  
 Debecer (desejar, ansiar)  
 Decatar-se (dar-se conta, aperceber-se)  
 Decote (frequentemente)  
 Deica (até (temporal) )  
 Devanceiro (antepassado)  
 Dianho / Demo (diabo)  
 Doado (fácil, simples)  
 Encoro (represa, barragem)  
 Engadir (acrescentar, adicionar)  
 Enquisa (inquérito)  
 Entroido (carnaval)  
 Entruido (entrudo)  
 Enxebre (autóctone, autêntico)  
 Ergueito (erguido)  
 Escolheito (escolhido)  
 Escolma (selecção, escolha)  
 Esmorga (festa, celebração)  
 Esnaquiçar (destroçar)  
 Estoupar (explodir, arrebentar)  
 Fachandear (presumir, orgulhar-se)  
 Faiado (sótão)  
 Fame (fome)  
 Fazula (bochecha)  
 Feito (facto)  
 Fervença (cascata)  
 Fiestra (janela)  
 Fouce (foice)  
 Fume (fumo)  
 Gabear (tregar)  
 Gadoupa (garra (de animal) )  
 (com o) galho (com motivo/razão de)  
 Gorja (garganta)  
 Hai (há)  
 Herdança (herança)  
 Hórreo (espigueiro)  
 Jabarim (javali)  
 Jantar (almoço)  
 Jeira (jornada de trabalho, turno, vez)  
 Jenreira (rancor, ódio)  
 Jeonlho (joelho)  
 Jurjo (Jorge (nome próprio) )  
 Labaçada (pancada, porrada, bofetada)  
 Lapada (pancada, porrada, estalada)  
 Latricar (focar, falar muito/de mais)  
 Lentes (óculos)  
 Leira (terreno, pedaço de terra)  
 Liscar (ir embora, partir (com pressa) )  
 Lóstrego (relâmpago)  
 Mália (ainda que, a pesar de)  
 Malheira (ancada)  
 Mancar (magoar, aleijar)  
 Marchar (ir embora, partir)  
 Meiga (bruxa)  
 Meigalho (mau feitiço, maldição)  
 Meninha (pupila)  
 Meninho (menino)  
 Missioneiro (missionário)  
 Misto (fósforo)  
 Micho (gato)  
 Moas/Môs (dentes molares)  
 Moço/a (namorado/a)  
 Moi/Mui (muito (em ocasiões) )  
 Moreas (muita quantidade)  
 Morrinha (saudade extrema)  
 Nai/Mai (mãe)  
 Nengum (nenhum)  
 Neno (menino, garoto)  
 Orfo (órfão)  
 Osmar (espreitar, vigiar)  
 Ourego (orégão)  
 Ouviar/Ouvear/Auvear (uivar)  
 Panca (alavanca, palanca)  
 Pandeiro (adufe)  
 Panjolinha (canção de natal)  
 Parrulo (pato)  
 Parvada (parvoíce)  
 Pataca (batata)  
 Pechar (fechar)  
 Peirao (cais)  
 Peleja (briga, luta)  
 Perixel (salsa)  
 Pito (cigarro)  
 Polo (pelo (por+o) )  
 Pouta (garra (de animal) )  
 Prebe (molho)  
 Proer (sentir comichão; proído=comichão)  
 Quenda (turno, vez)  
 Quentar (aquecer)  
 Quincalha (bijutaria)  
 Rabunhar (arranhar)  
 Raiolo (o Sol)  
 Rapaza (rapariga/garota)  
 Recendo (aroma, cheiro)  
 Relojo (relógio)  
 Repolo (repolho)

Repoludo (repolhudo)	Todo (tudo)
Retrouso (refrão, estribilho)	Tolheito (tolhido)
Ronsel/Rossel (rastro, esteira)	Tomelo (tomilho)
Rubir (subir, elevar-se)	Trasno (duende, elfo)
Saudinha (olá, saúdo (carinhoso, familiar))	Treboada (tormenta)
Seica (aliás, parece que)	Treito (trecho)
Senhardade (tristeza, pena profunda)	Troula (festa, celebração)
Sentidinho (ter siso, fazer algo com juízo)	Truita/Troita (truta)
Siareiro (seguidor, torcedor)	Umha (uma)
Sobranceiro (principal, importante)	Vagalume (pirilampo)
Soto (cave)	Vazenilha (urinol)
Tarasca (dragão)	Verba (palavra)
Teito (teto)	Vieiro (caminho, via)
Teixugo (texugo)	Vigairo (vigário)
Termar (aguentar, sustar)	Vindeiro (próximo, seguinte)
Ti (tu)	Xordo (surdo)
Tigela (sertã, frigideira)	Xurdir (surgir)
Tampouco (também não)	

Existe ainda na fala galega uma tendência às contracções como por exemplo:

Guardar é pronunciado “gardar”, quatro é “catro”, quase é “case”, quando é “cando”, aguardar é “agardar”, etc.

Com+a passa a “coa”, etc. Por ex. “O Joám fala coa Joana”, ou “O polícia foi-se cos cartos [com o dinheiro] para os gardar”; chegando a casos como “O Pedro é mais alto có [que o] Manuel”

De+um é sempre “dum”, em+um é sempre “num”, etc.

Existe também uma tendência ao uso dos ditongos “oi” e “ou” em lugares distintos ao português padrão, como coidar (cuidar), ouro (nunca oiro), loita/luita (luta), troita (truta), escoitar/escouitar, enxuito (enxuto), encolheito (encolhido), froita/fruita, apousentar, dous, cousa, choiva/chúvia, moito, etc. Mesmo fai (faz), hai (há), etc.

A fala galega é muitas vezes considerada mais ‘conservadora’ que a portuguesa, e isto é especialmente evidente no uso dos verbos que, a olhos dum português, pode-lhe resultar ‘arcaico’. Isto vê-se nas terminações “-des” como em “tendes”, “ides”, “comedes”, “vedes”, “digem” (disse), etc. Por ex. “vocês vão” é “vós ides”.

O uso do gerúndio é similar ao do Brasil, como por exemplo “estou *fazendo* a comida”, “vós estades *vendo* o meu filme favorito”, etc.

### **O ‘pronome de solidariedade’**

Este é o nome que recebe uma das características principais do galego. Este ‘pronome de solidariedade’ é uma fórmula que tenta incluir o interlocutor na acção, ou bem estabelece um certo grau de confiança ou familiaridade (de aí o de ‘solidariedade’). Por exemplo, se está a chover uma pessoa pode falar para outra: “*Esta-nos* a chover”, isto é, está a chover para ambos, para ‘ti e para mi’, não é simplesmente um impessoal ‘está a chover’. Mais exemplos: Sodes uns grandes cozinheiros, está-che-vos bem boa a comida; As cousas são como são... é-che assim!; Está sol e calor, é-nos um bom dia; Senhor polícia, eu sou-lhe boa pessoa, nunca passaria um vermelho.

## “HIPERENXEBRISMOS”

Há uma série de palavras que, por vontade de as distinguir do idioma agressor (espanhol) são ‘galeguizadas’ artificialmente. Este fenómeno dá-se principalmente em palavras iguais ou muito semelhantes em galego e em espanhol, mas que podem ser facilmente ‘galeguizadas’. Nestes casos a versão portuguesa correcta raramente é considerada, pois estas são variações populares. Essas palavras fazem-se *enxebres*. Uma lista incompleta pode ser:

Brilar (brilhar)	Ordear (ordenar)
Convinte (conveniente)	Panteira (pantera)
Destinho (destino)	Pauto (pacto)
Estrano (estranho)	Primaveira (primavera)
Gasolinha (gasolina)	Semã (semana)
Hourizonte (horizonte)	Sinceiro (sincero)
Humã (humano)	Televejo (televisão)
Inconvinte (inconveniente)	Terreo (terreno)
Jardinheiro (jardineiro)	Urbã/Urban (urbano)
Manheira (maneira)	Zoa (zona)

## ERROS e ARCAISMOS

Há uma série de palavras que são muitas vezes mal pronunciadas e, por isso, são muitas vezes mal transcritas. Alguns destes casos derivam de simples erros, outros porque a palavra pode proceder duma outra semelhante, um arcaísmo. Pode ser mesmo um arcaísmo a persistir em determinadas áreas geográficas (e não ser errado, necessariamente). Exemplos:

Á (asa)	Maor/Mor (maior, mais grande)
Auga/iauga (água)	Mestura (mistura)
Aminorar (minorar)	Movemento (movimento)
Bolboreta (borboleta)	Múseca (música)
Contido (conteúdo)	Nadal (Natal)
Denantes (antes)	Outo (alto, elevado)
Déveda (dívida)	Preto (perto; Nota: ‘preto’ em galego pode significar escuro, pardo, mas nunca ‘negro’ como cor)
Eirexa (igreja)	Própio (próprio)
Encol (sobre, acerca de)	Renger (ranger)
Espir (despir)	Rem/Res (nada)
Esquio (esquilo)	Rosmar (rosnar)
Estória (história)	Sinatura (assinatura)
Feble (febre, no sentido de fraco, débil)	Sobor (sobre, encima)
Fozar (fossar)	Soupa (sopa)
Frol (flor)	Tamém (também)
Geado (gelado)	Tíduo (título)
Gemelgo (gémeo)	Trebuta (tributo)
Ialma (alma)	Trunfo (trunfo)
Jajum (jejum)	Unlha (unha)
Lura (lula)	

## NOMES PRÓPRIOS

Nomes próprios de pessoas podem ser dissimilares entre os países.

Antia (sem equivalência)	Estevo (Estêvão)
Antom/Antão (António)	Fuco (Francisco)
Artús (Artur)	Iago (Tiago)
Bieito (Bento)	Jurjo (Jorge)
Brais (sem equivalência)	Loís (sem equivalência; não confundir com Luís)
Breogão (sem equivalência)	Tareixa (Teresa)
Cristovo (Cristóvão)	Ugio/a (Eugênio/a)

## CALÃO

Outro aspecto a considerar na fala da Galiza é o uso dos ‘juramentos’ (palavrões). Efectivamente, este é um tema crucial na fala popular, pois os supostos palavrões na Galiza muitas das vezes não são tais. Pode ser que para o português desprevenido um galego falando ‘a vontade’ resulte grosseiro em ocasiões mas, e como acontece em todos os países, uma palavra pode significar coisas bem distintas e depender (muito) do contexto. Isto é especialmente importante na Galiza, onde a fasquia do que é considerado calão ou não é, pelo geral, mais elevado do que em Portugal. Portanto, o visitante ocasional não se deve assustar com determinadas frases ou palavras. Por exemplo, indicar só que a palavra *caralho* não é, na maioria das ocasiões, considerada como juramento na Galiza, bem longe disso! E de aí para a frente...

No geral os termos de natureza sexual na Galiza não são considerados tão fortes como aqueles que versam sobre a religião. Estes últimos são os reservados para momentos de verdadeira tensão ou calamidade. Qualquer um outro vai depender muito do contexto e aqueles tomados do espanhol acostumam ser considerados os mais irrelevantes.

## FRASES FEITAS e EXPRESSÕES

As frases feitas e expressões de um povo reflectem os seus indivíduos, as suas características, o seu modo de vida. A fraseologia galega coincide em grande parte com a de Portugal e, em menor escala, com o Brasil. Uns poucos exemplos são:

- Não abrir o bico; Pechar/Fechar o bico; Calar o bico (não falar, fechar a boca, boca calada)
- Afogar em pouca água/Afogar num copo de água (ver dificuldades em qualquer coisa, por pouco motivo)
- Andar no conto (andar fofocando, interferir nalgum assunto)
- Assustar ao medo (ser muito feio)
- Atar moscas polo rabo (fazer trabalhos inúteis, fingir que se trabalha)
- Botar a língua a pascer; Botar a língua ao sol (falar demais, falar o que não se deve, falar mal dos outros)
- Botar chispas; Botar raios (estar furioso)
- Botar-lhe os cães a alguém (receber mal alguém)
- Buscar-lhe os três pêis ao gato (empenhar-se em algo impossível)
- Cair do burro/da burra (reconhecer um erro)
- Calcar-lhe as costelas a alguém; Medir-lhe as costelas; Medir-lhe o lombo (bater em alguém)
- Chegar e encher (funcionar tudo bem, sair tudo bem à primeira)
- Comer a Deus polas patas (ter muita fome, andar esfomeado)
- Não comer por não cagar (aplica-se a uma pessoa avarenta)
- O caralho 29! (o que seja, faz o que quiseres... Diz-se quando se quer acabar uma conversa ou argumento)
- Nunca choveu que não escampara (depois da tormenta vem a bonança, tudo tem remédio)
- A este chóve-lhe; Chóve-lhe por dentro (diz-se de quem tem pouco juízo, é pouco esperto, tolinho)



Dar má espinha (desconfiar, saber que algo não está bem sem ter a certeza)  
 E logo? (expressão muito comum que vem a indicar surpresa, à espera do interlocutor continuar a falar; equivale, dalguma maneira, a “então?”, “que foi?”).  
 Estar a vê-las vir (estar ocioso, distraído, pouco concentrado)  
 Estar ao cabo do conto (estar bem informado sobre o assunto)  
 Estar como uma cabuja/cabra (estar mal da cabeça)  
 Fazer chorar as pedras (mover a compaixão)  
 Fazer-se o gato morto (fingir-se humilde)  
 Fazer a mona; Pintar a mona (querer ser engraçado, ser ridículo)  
 Falar como um livro aberto (falar bem e com clareza)  
 Haver gato encerrado (existir um motivo suspeito ou misterioso)  
 Ir na carreirinha dum cão (estar mesmo perto, chegar num instante a um sítio)  
 Levar o gato à água (conseguir um triunfo em disputa com outros)  
 Meter a língua na boca; Morder a língua (engolir em seco, conter-se e calar quando se é atacado)  
 Meter-lhe os dedos na boca (puxar pela língua alguém, experimentar alguém para saber a sua intenção)  
 Meter alguém num punho (dominar alguém)  
 Mijar por alguém (humilhar alguém)  
 Mijam por um e dizer que chove (alguém comete um injustiça sobre outro, humilha ou engana a outro ou a um grupo de pessoas, ter que dizer amém)  
 Mijar fora do caldeiro; Mijar fora do testro (referir-se ao que não vem a propósito na conversa, falar do que não se deveria)  
 Passar-lhe a alguém o sol pola porta (deixar escapar uma oportunidade que não volta mais)  
 Parecer um capitão (aparentar prosperidade, ser próspero)  
 Pôr alguém a parir (insultar muito alguém, envergonhá-lo)  
 Não quitar as socas (não se incomodar, não dar importância)  
 Roer corda (aguentar, sofrer por não solucionar um problema)  
 Lenha verde e gente nova tudo é fume (a gente nova não tem cabeça, não sabe o que faz)  
 Sair as contas furadas; Sair a porca mal capada; Sair a galinha choca; Sair a Páscoa na sexta feira (sair tudo mal, sair tudo ao contrário do que se esperava)  
 Ser agudo como o pé dum moinho; Ser como uma soca; Ser listo como um alho (não ser nada esperto, ser burro como uma porta)  
 Ser como a virgem do punho; Ser um carto no cu (ser tacanho, mesquinho, avarento)  
 Ser como um cuco (ser habilidoso, lustroso)  
 Ser outro conto (ser outra questão)  
 É conto calado (é um assunto onde há algum mistério)  
 Não ser da mesma corda (não ter a mesma opinião, não se dar bem com alguém)  
 Ser cu de mau assento (diz-se de quem não tem parada em nenhum lugar)  
 Ser mais velho que andar a pé/que o cagar (ser muito velho, velho e relho, mais velho que a Sé de Braga)  
 De pequeno verás que boi terás (saber como vai ser uma criança quando for crescido)  
 Ter montes e moreas (expressão normalmente irónica sobre quem se gaba de ter muitos bens)  
 Não ter um peso/pataco (não ter dinheiro)  
 Tra(z)er ao conto (trazer à baila, citar oportunamente)  
 Tomar-lhe o pelo a alguém (fazer gozação, fazer chacota de alguém)  
 Ver-lhe as traças a alguém (descobrir-lhe as intenções)  
 Ver-se em calças pretas (estar em apuros)  
 Como quem vê chover (não prestar atenção, não ligar)  
 Não ver um burro a quatro passos (ter vista fraca, não perceber com facilidade)  
 Vir ao pelo (vir a calhar, chegar no momento apropriado)  
 Acabáramos de parir! (até que enfim! Diz-se quando finalmente se resolve algo de há muito esperado)  
 Quem te chora (choras de barriga cheia! Aplica-se a quem não tem falta de nada)  
 Quem te pariu que te arrole! (quem não te conheça que te compre)  
 A santo de que? (Por que motivo? Por quê? Indica desaprovação)  
 Nasceu um corvo branco! (ocorreu uma raridade, uma casualidade)  
 Que me coma o demo! Que me leve o demo! (juramento com que se reforça a verdade do que se afirma)  
 Por mim que chova!; Já pode chover!; Chova que neve! (para mi tanto faz, pouco me importa)  
 Meigas fora! (expressão de surpresa desagradável; meiga=bruxa)

## TEXTOS

Nada melhor que uns textos galegos para comprender ‘polo miúdo’ (em detalhe) a expressividade e natureza do galego (*Estes textos foram adaptados à ortografia internacional, mas respeitando a morfologia, sintaxe e léxico galego*)

### Texto jornalístico (*Vieiros.com*)

Inquérito para o *Financial Times*

Dous de cada três europeus cambiarían a súa vida para [a]minorar o câmbio climático [20/11/2006 13:15] A poboación europea está fondamente convencida de que a actividade humana está contribuíndo ao câmbio climático. A maioría aceptaría cambiar de estilo de vida para combaterem esta tendencia, segundo un inquérito para o *Financial Times*. As enquisas realizadas este mês por *Harris Interactive* [na] Alemaña, Francia, Italia, España e o Reino Unido amosan que o 86% da xente pensa que é a actividade humana a principal causante do câmbio climático, que está a ameazar as súas propias vidas. Mais de dous terços - 68% - afirma que aceptaría certas restricións no seu estilo de vida para modificar a situación, aínda que só unha minoría aceptaría contribuir economicamente: pagarem unha carga nas viaxes en avión polo dano ambiental, por exemplo. O inquérito reflicte tamén o desexo de que os Estados invistam en enerxías renovábeis.

### Texto literario (Martín Veiga, *Terra*)

Eu sou-lhe de bom ter, como auga mansa, sim, e decote ergo-me cedo, na alva do día. E ando toda a jornada às dúas mans, non dou feito, unha canseira, vaia. Apanho o mulime para estrar as cortes, limpo a veiga de pandulhos, junto lenha. Cada quanto, se acaso, agacho o fouchinho nas silveiras e, logo de ceivar as vacas, fico un anaco no prado, lio un pito, escoito o transistor. Por veces, baixo até o campelo do souto, un pasteiro bem jeitoso, em verdade, alí à beira do río, para comer nas cereixas. Pouco dura, é como se di, e de alí a um nadinha já estou de volta no trasfego. Sim, eu já lhe digo, sou de boa paz, mas não nascim no ano dos medos. E não o quigem crer, pois que o falar não tem cancelas. Passam os días e não tenho parada, um trabalhinho. Arrepanho feixes de erva, arrancho os avenhos do labor, nunca remata esta jeira. Não me queixo, ei, que tenho correia, eu só digo. A mulher tamém dá cheda, sim, tira do carro, não pense, aínda que às vezes farta de latricar no lavadouro, mas eu tenho-lhe lei, sim. Foi ela quem mo dixu, a carão do lume, ao empardecer. E não o quigem crer, é como se di, mas dava má espinha. As pitas já estavam no curreiro, que anda o raposo a osmar um dia sim e outro tamém, quando me acheguei até o campelo do souto coa lanterna. Alí bourea o río, abofê que sim, e mais o vento nos castinheiros. Ele disque andava a botar os extremos dum mau leiro e moveu os marcos do campelo do souto, o condenado, nunca vim eu pasteiro tão jeitoso. Era boa. Eu sou-lhe acaído em razão, já lhe digo, mas não aturo que joguem ao abelhão comigo, isso não. Enxerto bravo, o condenado. Deixei-no no sítio dum tiro, sim, dei cabo dele, e enfocinhou como uma farda velha. Espetei-lhe um tiro no bandulho, senhoria. A terra é a terra.

### Texto poético (Eduardo Pondal, *A Fala*, da obra *Queixume dos Pinos*)

Nobre e harmoniosa  
fala de Breogão  
fala boa, de fortes  
e grandes sem rival;  
ti do celta aos ouvidos  
sempre soando estás  
como soam os pinos  
na costa de Froxão;

ti nos eidos da Céltia  
e co tempo serás  
um lábaro sagrado  
que ao tr[i]unfo guiará,  
fala nobre, harmoniosa,  
fala de Breogão!  
Ti, sinal misterioso  
dos teus fillos serás

que polo mundo dispersos  
e sem abrigo vão;  
e a aqueles que foram  
numa passada idá[de]  
defensores dos eidos  
contra o duro romã [romano]  
e que ainda cobiçam  
da terra a liberdá[de]  
num povo nobre e forte,  
valente, ajuntarás,  
ó, fala harmoniosa,  
fala de Breogão!

Serás épica tuba  
e forte sem rival,  
que chamarás aos filhos  
que aló do Minho estão,  
os bons filhos do Luso,  
apartados irmãos  
de nós por um destino  
invejoso e fatal.  
Cos robustos acentos,  
Grandes, os chamarás  
verbo do gran[de] Camões!  
fala de Breogão!

## MAIS INFORMAÇÃO

[www.agal-gz.org](http://www.agal-gz.org), Página da *Associação Galega da Língua*, defensora da unidade linguística e cultural galego-portuguesa.

[www.amesanl.org](http://www.amesanl.org), Página de *A Mesa pola Normalización Lingüística*, associação da defesa da comunidade galego falante, desde a escolha gráfica do ILG-RAG.

[www.galego.org](http://www.galego.org), Página sobre a língua galega, desde a perspectiva do galego como língua irmã e pertencente ao tronco comum galego-português, mas diferente do português.

[www.mdl-galiza.org](http://www.mdl-galiza.org), Página do *Movimento pola Defensa da Língua*, associação da defesa da comunidade galego falante, desde a escolha gráfica da reintegração da língua galego-portuguesa.

*Sobre o autor deste despropósito ;)* [www.xoan.net](http://www.xoan.net)